

A influência da violência familiar e entre pares na prática do bullying por adolescentes escolares

The influence of family and peer violence in the practice of bullying among school adolescents

Georgia Rodrigues Reis e Silva (<https://orcid.org/0000-0003-4486-2844>)¹

Maria Luiza Carvalho de Lima (<https://orcid.org/0000-0002-1354-9890>)²

Raquel Moura Lins Acioli (<https://orcid.org/0000-0002-5907-0068>)³

Alice Kelly Barreira (<https://orcid.org/0000-0002-0351-9022>)⁴

Abstract *The objective of this study was to estimate the prevalence of bullies and identify factors related to bullying among high school students in Recife. This is an analytical cross-sectional epidemiological study, composed of a probabilistic sample by clusters of 1,402 students aged 15 to 19 years old, enrolled in the second year of high school in both public and private schools in Recife. In this work the bullying will be approached according to the Bioecological Theory of Human Development of Bronfenbrenner. Data were collected by means of a self-administered questionnaire about bullying and associated factors. Data analysis was conducted by the Pearson chi-square test with statistical significance of 0.05 and 95% Confidence Interval. To analyze associations, a multilevel modeling was employed and STATA version 12.0 software was used. The results showed a prevalence of 21.26% of bullying aggressors and the factors associated with the practice of bullying were violence suffered at school, violence between peers, as well as violence practiced by the mother and siblings. Hence, the results indicate that the violence suffered in the family and school context can have repercussions on the practice of bullying among adolescents.*

Key words *Bullying, Violence, Adolescent, School*

Resumo *O objetivo deste estudo foi estimar a prevalência de agressores de bullying e identificar os fatores relacionados a este comportamento em adolescentes escolares do Recife. Trata-se de um estudo epidemiológico de corte transversal analítico, composto por uma amostra probabilística por conglomerados de 1.402 estudantes de 15 a 19 anos matriculados no segundo ano do ensino médio de escolas públicas e privadas do Recife. Neste trabalho, o bullying será abordado segundo a teoria bioecológica do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner. A coleta de dados ocorreu por meio de um questionário autoaplicável com questões sobre bullying e fatores associados. A análise dos dados foi constituída pela aplicação do teste qui-quadrado de Pearson, considerando significância estatística de 0,05 e intervalo de confiança de 95%. Para a análise das associações foi empregada a modelagem multinível e o software utilizado foi o STATA, versão 12.0. Os resultados mostraram prevalência de 21,26% de agressores de bullying e os fatores associados à essa prática foram as violências sofridas na escola e entre pares, bem como a violência praticada pela mãe e irmãos. Dessa forma, os resultados indicam que as violências sofridas no contexto familiar e escolar podem repercutir na prática do bullying entre adolescentes.*

Palavras-chave *Bullying, Violência, Adolescente, Escola*

¹ Programa de Doutorado em Saúde Pública, Instituto Aggeu Magalhães (IAM), Fiocruz/PE. Av. Professor Moraes Rego s/n, Cidade Universitária. 50740-465 Recife PE Brasil.

georodrigues19@yahoo.com.br

² Instituto Aggeu Magalhães (IAM), Fiocruz/PE. Recife PE Brasil.

³ Prefeitura do Recife. Recife PE Brasil.

⁴ Departamento de Clínica e Odontologia Preventiva, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife PE Brasil.

Introdução

O *bullying* é um tipo de violência estudado principalmente no ambiente escolar e pode se manifestar de diferentes formas, a partir de comportamentos como agressões físicas e verbais ou até por ameaças, acusações injustas, roubo de dinheiro e pertences, difamações sutis e degradação de imagem social, adotados por um ou mais estudantes contra outro(s) com o objetivo de machucar, prejudicar ou humilhar, sem ter havido provocação por parte da vítima¹⁻³. Ese fenômeno é caracterizado por três elementos essenciais: a repetição, a intencionalidade e a desequilíbrio de poder^{1,2,4,5}.

A literatura revela que as diferentes manifestações de violência no âmbito escolar vêm comprometendo não só a saúde dos adolescentes, mas a qualidade da educação no contexto da escola pública brasileira⁶, já que esse comportamento entre os alunos tem prejudicado a realização das atividades escolares, o processo de aprendizagem, bem como ocasionado sentimento de insegurança na escola e, muitas vezes, abandono escolar⁷. Também acarreta um processo de exclusão moral e social com repercussões imediatas e futuras na vida adulta dos envolvidos³, como o desenvolvimento de distúrbios mentais e ideação suicida⁸.

O *bullying* ocorre em processos interacionais dinâmicos e pode envolver os indivíduos de diversas maneiras, de forma que esses assumam papéis diferenciados, como: agressores, vítimas, vítimas/agressores ou testemunhas^{3,9}. O papel de agressor se apresenta como o indivíduo que pratica a violência contra outro(s), supostamente mais fraco³. Os agressores geralmente são alunos do sexo masculino, mais velhos, que praticam mais sexo e mais exercício físico, apresentam comportamentos antissociais, faltam aulas, relatam solidão e insônia, possuem maior tendência a apresentar comportamentos de risco, como o uso de álcool e drogas^{1,4,6,10,11}. Comumente fazem parte de pequenos ou grandes grupos liderados por um deles, que domina outros, e esses se subordinam à liderança por medo ou por satisfação de pertencerem ao grupo dominante^{1,4}. No Brasil, alguns estudos que avaliaram adolescentes agressores de *bullying* verificaram prevalência entre 8,4 e 19,8%^{6,12,13}.

Apesar de haver várias pesquisas brasileiras sobre a temática¹²⁻¹⁶, existem muitas lacunas no conhecimento que precisam ser abordadas. Estudos sobre fatores de proteção e intervenções efetivas ainda estão em estágios relativamente iniciais, e também há uma necessidade urgente

de pesquisas mais rigorosamente avaliadas e relatadas em países de baixa e média renda^{17,18}. Além disso, grande parte dos estudos analisam prioritariamente as vítimas e determinados fatores associados, sem utilizar um modelo explicativo e sem contemplar os diferentes contextos e interações que permeiam tal situação.

Diante da complexidade do fenômeno, neste trabalho o *bullying* será abordado segundo a teoria bioecológica do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner¹⁹. Essa teoria apresenta quatro componentes multidirecionais interrelacionados, designados como modelo PPCT: os processos proximais; as características pessoais; o contexto; e o tempo. Neste estudo serão investigados os processos proximais, foco principal da teoria, que são as interações que a pessoa estabelece com seus pares, objetos e símbolos nos diversos contextos vivenciados em um determinado tempo histórico, nos quais o ser humano se apresenta como agente ativo de seu desenvolvimento, capaz de transformar o ambiente e transformar-se^{19,20}.

A teoria de Bronfenbrenner é indicada para o estudo da violência por levar em consideração os quatro componentes PPCT no desenvolvimento individual como uma evolução complexa, com aquisição de competências e habilidades pessoais que irão conduzir e direcionar o comportamento nas mais diversas situações, como na escolha de uma atitude pacífica ou violenta. Nessa perspectiva, deve ser considerada a relevância de um estudo fundamentado em um modelo conceitual explicativo com o objetivo de estimar a prevalência de agressores de *bullying* e identificar os fatores de processo associados ao comportamento dos adolescentes agressores em escolas públicas e privadas do Recife.

Método

Trata-se de um estudo epidemiológico de corte transversal, de cunho analítico, que permitiu verificar a magnitude do evento e identificar as variáveis envolvidas no papel de agressor de *bullying*.

Participantes

A população do estudo foi composta por adolescentes, com idades entre 15 e 19 anos, matriculados no segundo ano do ensino médio de escolas públicas e particulares da cidade do Recife no período diurno. A faixa etária estendida para além do padrão para essa série foi incluída

devido ao grande número de alunos com defasagem escolar.

Amostra

Para a estimativa da amostra, foram considerados os dados fornecidos pela Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco. Consideraram-se os seguintes parâmetros para estimar o total de alunos, segundo o número de alunos das escolas públicas e privadas matriculados em 2013: prevalência de *bullying* entre os alunos = 30%⁷, erro amostral = 5%, e efeito de desenho = 2. A estimativa encontrada foi de 625 alunos de escola pública e 625 alunos de escola privada. Admitindo 20% de perda, perfaz um total de 1.563 alunos.

A amostragem foi realizada por conglomerados em dois estágios para atingir a amostra estimada. No primeiro, os parâmetros para estimar o número de escolas segundo esfera de governo foram: prevalência de *bullying* estimada em 95% das escolas, erro amostral = 10%, e efeito de desenho = 1. A estimativa encontrada foi de 32 escolas, 16 públicas e 16 privadas. Admitindo 20% de perda, perfaz um total de 40 escolas distribuídas igualmente nos dois extratos. Assim, as escolas foram sorteadas, proporcionalmente à quantidade de alunos matriculados no segundo ano do ensino médio em cada escola, com intervalo sistemático.

No segundo estágio, as turmas foram sorteadas aleatoriamente dentro de cada escola. A fim de alcançar o quantitativo esperado de participantes, em cada escola foi aplicado em torno de 40 questionários, o que implicou a participação de uma ou duas turmas por escola, dependendo do tamanho das mesmas.

Instrumento

O instrumento de coleta consistiu em um questionário autoaplicável incluindo escalas e questões sobre o *bullying* e fatores associados. No entanto, neste artigo foram analisadas questões sobre agressor de *bullying* e as variáveis categorizadas segundo a dimensão “processo” da teoria bioecológica do desenvolvimento humano¹⁹. O envolvimento de *bullying* na condição de agressor foi definido a partir da questão produzida, baseada no conceito de Olweus¹, e na Escala Califórnia de Vitimização do *Bullying*^{21,22}, conforme descritas a seguir: “DENTRE OS(AS) SEUS(SUAS) COLEGAS, EXISTE ALGUM(A) QUE VOCÊ CONSIDERA INFERIOR A VOCÊ? SE EXISTE, RESPONDA À PRÓXIMA QUESTÃO PENSANDO APENAS NESTA PESSOA. Alguma vez você já fez

coisas de propósito, para magoar esse(a) seu(sua) colega, como: A) Zoar, xingar ou colocar apelidos? B) Espalhar boatos ou fofocas, ignorar ou deixar de fora do seu grupo? C) Empurrar, agredir fisicamente, ameaçar ou danificar coisas dele(a)?” Tendo para cada item as seguintes opções de respostas: 0. Nunca; 1. Apenas uma vez no mês passado; 2. Duas ou três vezes no mês passado; 3. Apenas uma vez durante esta semana; e 4. Várias vezes durante esta semana. Sendo considerado agressor o indivíduo que assinalou um dos itens 2, 3 ou 4 em qualquer uma das alternativas.

As variáveis independentes analisadas neste estudo são: ter sofrido violência da mãe e do pai, ter sofrido violência na comunidade e na escola, sofrer e praticar violência física entre namorados, violência entre pares, violência entre irmãos, monitoramento dos pais e responsáveis, ter sofrido discriminação pelos vizinhos, ter sofrido discriminação pelos familiares, ter sofrido agressão sexual e conexão com a escola.

Uma vez que não existe uma escala composta por uma única variável que avalie a “conexão com a escola”, tal avaliação ocorreu por meio da *School Connectedness Scale*^{23,24}, adaptada pelos autores, composta por cinco itens relacionados ao adolescente separadamente: sentir-se próximo às pessoas da escola; sentir-se parte da escola; sentir-se feliz em estar na escola; sentir-se seguro na escola; os professores tratam os alunos com justiça. As variáveis independentes e instrumentos utilizados nesta pesquisa estão descritos no Quadro 1.

Procedimentos

A coleta de dados ocorreu no período de agosto a novembro de 2014, por meio da aplicação do questionário aos alunos presentes nas turmas sorteadas. Foram aplicados por dois pesquisadores, previamente treinados, que forneceram uma breve explicação sobre o preenchimento do questionário e permaneceram na sala de aula durante todo o processo, que teve duração média de 60 minutos em cada turma.

Análise dos dados

A análise dos dados foi constituída inicialmente de uma análise descritiva das variáveis, seguida da aplicação do teste qui-quadrado de Pearson com significância estatística de 0,05 e intervalo de confiança de 95%.

Para a análise de associações, foi empregado a modelagem multinível para controle do efeito do

Quadro 1. Descrição das variáveis, operacionalização e categorização das variáveis estudadas.

Variável	Operacionalização	Categorização
Dependente		
Agressor de <i>bullying</i>	Questão elaborada a partir da Escala Califórnia de Vitimização do Bullying ²¹ , adaptada e validada ²²	Agressor
Independentes		
Variáveis de processo		
Sentir-se próximo as pessoas da escola	Questões elaboradas a partir do questionário longitudinal Add Health ^{23,24}	1.Sim; 2. Não
Sentir-se parte da escola		1.Sim; 2. Não
Sentir-se feliz em estar na escola		1.Sim; 2. Não
Professores tratam alunos com justiça		1.Sim; 2. Não
Sentir-se seguro na escola		1.Sim; 2. Não
Ter sofrido violência da mãe	Escala Tática de Conflitos (CTS) validada para população brasileira por Moraes, Hasselmann e Reichenheim (2002) ²⁵	1. Nunca sofreu; 2. Sofreu poucas vezes; 3. Sofreu muitas vezes
Ter sofrido violência do pai		1. Nunca sofreu; 2. Sofreu poucas vezes; 3. Sofreu muitas vezes
Ter sofrido violência na comunidade	ILANUD/ONU ²⁶	1. Sim; 2. Não
Ter sofrido violência na escola		1.Sim; 2. Não
Sofrer e praticar violência física entre namorados	Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory – CADRI ²⁷ , adaptada por Minayo, Assis e Njaine (2011) ²⁸	1. Sim; 2. Não
Violência entre pares	Escala Califórnia de Vitimização do Bullying ²¹ , adaptada e validada ²²	1. Sim; 2. Não
Violência entre irmãos	Questão elaborada	1. Sim; 2. Não
Monitoramento dos pais e responsáveis	Questão elaborada	1. Monitorado; 2. Não é monitorado
Ter sofrido discriminação pelos vizinhos	Questão elaborada	1. Nunca; 2. Poucas vezes; 3. Muitas vezes
Ter sofrido discriminação pelos familiares	Questão elaborada	1. Nunca; 2. Poucas vezes; 3. Muitas vezes
Ter sofrido agressão sexual	Questão elaborada	1. Sim; 2. Não

Fonte: Elaborado pelos autores.

conglomerado e ponderada pelo tipo de escola. A técnica multivariada utilizada foi a *stepwise* do tipo *forward*, considerando como critério de entrada no modelo significância estatística de 10%. Foram testadas as hipóteses de concomitância e considerada a variável no modelo segundo a plausibilidade causal. O *software* utilizado na análise foi o STATA, versão 12.0

Questões éticas

Esta pesquisa faz parte de um estudo maior, intitulado de “*Bullying* entre adolescentes escola-

res: uma abordagem bioecológica”, que foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Aggeu Magalhães, de acordo com as normas do Conselho Nacional de Saúde sobre pesquisas envolvendo seres humanos.

Antes do início da coleta, foram solicitadas autorizações institucionais no âmbito da educação e assinaturas dos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido e Termos de Assentimento Livre e Esclarecido. Os questionários foram respondidos de maneira anônima e os resultados publicados garantirão anonimato dos participantes.

Resultados

A amostra foi composta por 1.402 estudantes, a maioria do sexo feminino (52,4%), com média de idade de 16,4 anos. Quanto ao tipo de escola, 56,4% cursavam as escolas públicas e 43,6% as privadas. A frequência de *bullying* na condição de agressor foi de 298 casos, correspondendo a uma prevalência de 21,26% (IC 95%: 17,84% a 24,39%).

A partir da análise univariada foi observada, com relação às interações pessoais permeadas por violência, uma associação significativa com a prática de *bullying*, seja com a violência sofrida na escola (OR = 2,46 (1,82-3,34), $p < 0,001$), na comunidade (OR = 2,05 (1,62-2,58), $p < 0,001$) ou relacionada à violência entre namorados, seja ela sofrida (OR = 1,76 (1,21-2,55), $p = 0,003$) ou praticada (OR = 1,83 (1,19-2,81), $p = 0,006$). A violência sofrida pelo adolescente e praticada pela mãe, seja ela verbal (OR = 1,98 (1,32-2,97), $p = 0,001$) ou física (OR = 2,15 (1,66-2,78), $p < 0,001$) mostrou-se associada à prática do *bullying* pelo jovem, assim como a violência física sofrida pelo jovem, sendo o pai o agressor (OR = 1,71 (1,30-2,25), $p < 0,001$). Além disso, a violência entre irmãos, nas formas física (OR = 2,19 (1,63-2,94), $p < 0,001$) e psicológica (OR = 2,14 (1,57-2,93), $p < 0,001$) mostrou-se associada a uma maior possibilidade de praticar o *bullying*, assim como a condição de familiares terem o costume de perseguir o jovem (OR = 1,80 (1,16-2,79), $p = 0,009$). A associação da prática do *bullying* e a condição de o jovem ter sofrido agressão sexual (OR = 1,88 (1,05-3,35), $p = 0,031$) também foi estatisticamente significativa, apontando uma maior chance de prática de *bullying* entre aqueles que foram vítimas alguma vez na vida. Ainda no que se refere à violência entre pares, os alunos que a relataram apresentaram 3,40 mais chances de serem agressores de *bullying* ($p < 0,001$).

Também foi verificada associação das atitudes discriminatórias cometidas pelos vizinhos e a prática de *bullying*. A ocorrência de atos discriminatórios no que diz respeito à orientação sexual (OR = 2,89 (1,60-5,24), $p = 0,000$) e aparência física (OR = 1,75 (1,28-2,40), $p = 0,000$) foram significativamente relacionados ao aumento da chance de prática de *bullying*, e entre os familiares os atos discriminatórios relativos à cor da pele (OR = 2,02 (1,19-3,42), $p = 0,009$) orientação sexual (OR = 2,74 (1,31-5,75), $p = 0,007$) e aparência física (OR = 1,81 (1,15-2,84), $p = 0,010$) também foram associados a uma maior chance de prática de *bullying*.

Em relação à conexão com a escola, verificou-se uma associação estatisticamente significativa com a condição de agressor no que diz respeito aos adolescentes “se sentirem parte da escola” (OR = 0,74 (0,56-0,98), $p = 0,038$), “se sentirem feliz em estar na escola” (OR = 0,57 (0,43-0,74), $p < 0,001$), “se sentirem seguro na escola” (OR = 0,54 (0,41-0,73), $p < 0,001$) ou quando consideraram que os “professores tratam com justiça” (OR = 0,54 (0,39-0,76), $p < 0,001$).

Por fim, o monitoramento dos pais e responsáveis (poucas vezes ou nenhum monitoramento) também foi associado à prática de *bullying* (OR = 2,20 (1,57-3,08) $p < 0,001$), como está descrito da Tabela 1.

A partir da análise do modelo multivariado (Tabela 2), verificou-se que a violência sofrida na escola ($p < 0,001$), assim como a experiência de violência entre pares ($p < 0,001$), aumentou a chance de ser agressor de *bullying*.

A violência física especificamente cometida pela mãe ($p < 0,001$) mostrou-se associada à prática de *bullying*. Ainda em relação à violência intrafamiliar, observou-se uma associação estatisticamente significativa com a violência física ($p = 0,006$) e verbal ($p = 0,030$) entre irmãos.

Apesar de não se manter no modelo final, o monitoramento dos pais e responsáveis mostrou-se limítrofe na associação com a prática do *bullying*, com $p = 0,058$.

Não houve associação significativa ao final da análise multivariada com as demais variáveis de processo estudadas.

Discussão

A prevalência encontrada na presente pesquisa corrobora os achados publicados em 2014²⁹ em estudo realizado no Brasil em escolas da rede pública e privada nas capitais brasileiras e no Distrito Federal, no qual foi verificada prevalência de agressores de 20,8%. É um fato relevante, pois aponta para uma semelhança entre a realidade das escolas locais e as nacionais do ponto de vista de alunos que afirmam praticar tal comportamento. Outras pesquisas realizadas no Brasil^{30,31} e na Nigéria³² encontraram frequências ainda mais elevadas de agressores de *bullying*, obtendo 48,9%, 54,7% e 64,9% de agressores, respectivamente. Em contrapartida, estudo realizado com adolescentes em 40 países³³ evidenciou prevalência de prática de *bullying* de 10,7%, porém com grande variação nas taxas entre os países. Tais dados podem refletir as diferenças sociais, culturais e

Tabela 1. Análise univariada dos fatores de processo associados ao *bullying* na condição de agressor de *bullying*.

Variáveis relacionadas a processo	Agressor de bullying (n = 1.402)			
	Sim N (%)	Não N (%)	OR ^a (IC 95%)	p-valor ^b
Ter sofrido violência na escola				
Não	75 (13,20%)	493 (86,80%)	Referência	
Sim	212 (27,4%)	561 (72,57%)	2,46 (1,82-3,34)	< 0,001
Ter sofrido violência na sua comunidade				
Não	108 (15,6%)	584 (84,39%)	Referência	
Sim	174 (27,3%)	462 (72,64%)	2,05 (1,62-2,58)	< 0,001
Violência entre pares				
Não	113 (13,1%)	748 (86,8%)	Referência	
Sim	184 (34,0%)	356 (65,93%)	3,40 (2,68-4,31)	< 0,001
Violência entre namorados				
Violência sofrida				
Não	46 (18,78%)	199 (81,22%)	Referência	
Sim	92 (29,39%)	221 (70,61%)	1,76 (1,21-2,55)	0,003
Nunca namorou	155 (18,7%)	674 (81,30%)	0,96 (0,70-1,33)	0,846
Violência praticada				
Não	42 (17,72%)	195 (82,28%)	Referência	
Sim	94 (28,92%)	231 (71,08%)	1,83 (1,19-2,81)	0,006
Nunca namorou	157 (19,0%)	667 (80,95%)	1,07 (0,74-1,54)	0,712
Ter sofrido violência da mãe				
Violência verbal				
Não	38 (13,15%)	251 (86,85%)	Referência	-
Sim	259 (23,3%)	852 (76,69%)	1,98 (1,32-2,97)	0,001
Violência física				
Não	110 (15,2%)	615 (84,83%)	Referência	-
Sim	188 (27,8%)	488 (72,2%)	2,15 (1,66-2,78)	< 0,001
Ter sofrido violência do pai				
Violência verbal				
Não	141 (19,1%)	595 (80,84%)	Referência	-
Sim	149 (22,8%)	503 (77,15%)	1,24 (0,96-1,61)	0,093
Violência física				
Não	218 (19,4%)	905 (80,59%)	Referência	-
Sim	80 (28,8%)	197 (71,12%)	1,71 (1,30-2,25)	< 0,001
Monitoramento dos pais ou responsáveis				
Sempre/muitas vezes	233 (19,5%)	964 (80,53%)	Referência	-
Poucas/nunca	58 (34,32%)	111 (64,68%)	2,20 (1,57-3,08)	< 0,001

continua

políticas existentes em cada nação ou também as medidas preventivas eficazes no enfrentamento ao fenômeno.

Essa questão é reforçada pelos resultados que mostram que os sentimentos de segurança, felicidade, sentir-se parte da escola e considerar os professores justos são fatores de proteção à prática de *bullying*, embora não tenham permanecido na análise final.

Em relação às variáveis de processo, observa-se que houve associação com a violência sofrida

na escola, a violência física sofrida pela mãe e pelos irmãos, bem como da violência entre pares. Fato preocupante, tendo em vista o impacto que esse tipo de conduta pode trazer para os que sofrem as agressões como modelo de reprodução do comportamento vivenciado. Considerando que os principais locais de socialização e preparação para a vida adulta desses adolescentes são a escola e a casa, esses adolescentes têm experienciado as diversas formas de violência, desde *bullying* até a violência familiar, nos seus

Tabela 1. Análise univariada dos fatores de processo associados ao *bullying* na condição de agressor de *bullying*.

Variáveis relacionadas a processo	Agressor de <i>bullying</i> (n = 1.402)			
	Sim N (%)	Não N (%)	OR ^a (IC 95%)	p-valor ^b
Violência entre irmãos				
Violência física				
Não	118 (15,8%)	626 (84,8%)	Referência	-
Sim	114 (29,1%)	277 (70,84%)	2,19 (1,63-2,94)	< 0,001
Violência verbal				
Não	56 (17,18%)	270 (82,82%)	Referência	-
Sim	175 (21,6%)	636 (78,42%)	1,30 (0,97-1,75)	0,072
Violência psicológica				
Não	133 (16,4%)	677 (83,58%)	Referência	-
Sim	96 (30,09%)	223 (69,91%)	2,14 (1,57-2,93)	< 0,001
Familiares costumam perseguir				
Poucas vezes/nunca	260 (20,3%)	1017 (79,6%)	Referência	-
Sempre/muitas vezes	36 (31,58%)	78 (68,42%)	1,80 (1,16-2,79)	0,009
Ter sofrido agressão sexual				
Não	270 (20,8%)	1025 (79,1%)	Referência	-
Sim	14 (33,3%)	28 (66,7%)	1,88 (1,05-3,35)	0,031
Ter sofrido discriminação pelos vizinhos				
Pela cor da pele	17 (24,29%)	53 (75,71%)	1,26 (0,67-2,37)	0,467
Condição social	30 (28,30%)	76 (71,70%)	1,58 (0,98-2,55)	0,056
Orientação sexual	19 (39,58%)	29 (60,42%)	2,89 (1,60-5,24)	0,000
Aparência física	64 (29,22%)	155 (70,7%)	1,75 (1,28-2,40)	0,000
Ter sofrido discriminação pelos familiares				
Pela cor da pele	13 (36,1%)	23 (63,9%)	2,02 (1,19-3,42)	0,009
Condição social	14 (26,9%)	38 (73,1%)	1,42 (0,80-2,53)	0,201
Orientação sexual	18 (40,0%)	27(60,0%)	2,74 (1,31-5,75)	0,007
Aparência física	46 (30,87%)	103 (69,1%)	1,81 (1,15-2,84)	0,010
Conexão com a escola				
Sentir-se próximo as pessoas	219 (20,3%)	858 (79,6%)	0,76 (0,58-1,01)	0,062
Sentir-se parte da escola	198 (19,9%)	797 (80,1%)	0,74 (0,56-0,98)	0,038
Sentir-se feliz em estar na escola	185 (18,4%)	820 (81,6%)	0,57 (0,43-0,74)	< 0,001
Professores tratam com justiça	174 (18,0%)	790 (81,9%)	0,54 (0,39-0,76)	< 0,001
Sentir-se seguro na escola	185 (18,7%)	803 (81,2%)	0,54 (0,41-0,73)	< 0,001

^aOR ajustada considerando o desenho de amostragem (cluster) e peso por tipo de escola; ^bsignificância estatística $p \leq 0,10$.

Fonte: Elaborado pelos autores.

diversos espaços de convivência³⁴. Todavia, esses deveriam ser ambientes em que o adolescente se sentisse acolhido e protegido, ao mesmo tempo em que pudesse expandir seus conhecimentos e aprender a ser solidário, a ter consciência dos direitos, deveres e responsabilidades, e a lidar com os problemas com independência, ou seja, a ser um cidadão.

No que diz respeito ao estudante ter sofrido violência física pela mãe, essa conduta pode estar relacionada à tentativa de inibir um comportamento inadequado do filho ou puni-lo, pois

conforme destaca Andrade³⁵, o comportamento agressivo tem origem no modelo educativo familiar, a partir da agressividade e violência cometida pelos pais para punição dos filhos, de modo a influenciar no comportamento social desses¹⁴. Zottis e colaboradores³⁶ também verificaram que a prática de *bullying* apresentou associação com a disciplina parental autoritária e punitiva, sobretudo o castigo severo praticado especificamente pela mãe. Além disso, chamam atenção quanto ao uso de castigo corporal por parte dos pais, pois dessa forma ensinam a seus filhos que

Tabela 2. Análise multivariada dos fatores de processo associados ao *bullying* na condição de agressor de *bullying*.

Variáveis relacionadas a processo	Agressor de <i>bullying</i>	
	OR ^a (IC 95%)	p-valor ^b
Violência sofrida na escola		
Não	Referência	
Sim	1,76 (1,28-2,41)	< 0,001
Violência física sofrida pela mãe		
Não	Referência	
Sim	1,74 (1,35-2,23)	< 0,001
Violência entre pares		
Não	Referência	
Sim	2,61 (2,00-3,40)	< 0,001
Violência física sofrida pelos irmãos		
Não	Referência	
Sim	1,67 (1,15-2,41)	0,006
Violência verbal sofrida pelos irmãos		
Não	Referência	
Sim	0,66 (0,46-0,96)	0,030

^a OR ajustada considerando o desenho de amostragem (cluster) e peso por tipo de escola; ^b significância estatística $p < 0,05$.

Fonte: Elaborado pelos autores.

bater é uma das maneiras de lidar com conflitos interpessoais.

Outro fato importante a ser destacado é que Malta et al., em 2010³⁷, já haviam publicado pesquisa nacional realizada nas capitais e no Distrito Federal, com escolares de escola públicas e privada, que a maior prevalência de violência física no âmbito doméstico foi registrada na cidade do Recife, com 11,7% (IC 95%: 10,3%-13,0%). Assim, revela que esse tipo de violência acontece há algum tempo, sendo frequente nessa faixa etária e nesse contexto.

A violência entre pares, que é caracterizada como ao menos uma experiência de vitimização ou ato de violência de qualquer frequência entre pares, mas sem a presença de desequilíbrio de poder^{1,21}, também se revelou associada à prática de *bullying*. Nesse caso, presume-se que o estudante envolvido em uma situação eventual de violência entre colegas, seja na situação de vítima ou de agressor, mesmo que não de forma intencional,

esteja mais propenso a reproduzir alguma agressão, passando a agir de intencionalmente diante de alguém visivelmente mais fraco, mais tímido ou mais novo.

Estudo recente empreendido no Brasil também verificou que a maioria dos agressores sofre violência física familiar¹¹. Corroborando tais informações, pesquisas apontam que o envolvimento de adolescente com a violência se deve a diversos fatores, entre os quais a própria fase da adolescência, o consumo abusivo de substâncias, os conflitos e a violência na família, a exposição à violência e a situações de violência ou conflito conjugal adolescentes^{38,39}.

Além dos fatores citados, verificou-se que o pouco ou nenhum monitoramento dos pais mostrou-se limitrofe na associação ao *bullying* no papel de agressor. Dado semelhante ao apresentado em pesquisa que mostrou que ser agressor se associou inversamente à supervisão familiar¹¹. Já Ayas⁴⁰ verificou que estudantes que tinham pais com atitudes negligentes sofriam mais *bullying* do que aqueles com pais com atitudes permissivas e democráticas. Apesar deste trabalho não analisar o *bullying* no papel de agressor, observa-se como é importante o monitoramento e participação dos pais na vida dos filhos, tendo em vista que esse vem sendo associado tanto a casos de vítimas quanto de agressores.

Nesse sentido, existem fortes evidências de que o comportamento do agressor de *bullying* está moldado pelas interações e experiências de violência vivenciadas ao longo da vida, as quais Bronfenbrenner classifica como a dimensão processo.

Embora a presente pesquisa tenha abordado apenas a violência interpessoal que ocorre nos contextos familiar e escolar, precisamos considerar o ambiente de violência generalizada ao qual estão expostas as pessoas que vivem em capitais brasileiras. A teoria de Bronfenbrenner mostra que o desenvolvimento humano ocorre em um sistema de multicamadas que se estende desde a relação de nível micro entre pais e filhos até instituições e culturas de nível macro e se desdobra ao longo do tempo. Para as pessoas prosperarem como indivíduos, seres sociais e cidadãos, precisam de condições que lhes permitam florescer fisicamente e desenvolver relacionamentos e ações cada vez mais inclusivos e expansivos, como participantes sociais e cívicos⁴¹.

Esta pesquisa apresenta algumas limitações com relação aos dados. Por serem baseados apenas em autorrelatos, há a possibilidade de o estudante falsear a resposta ou apresentar o viés de

memória. Outra limitação foi a inclusão somente de adolescentes que estavam frequentando a escola e presentes em sala de aula no momento da aplicação do questionário, o que pode ter ocasionado algum viés nos resultados, pois o absentismo e a evasão escolar estão relacionados ao problema estudado. No entanto, não inviabiliza o trabalho, pois foi realizado o cálculo amostral considerando tal acontecimento. Além disso, o presente estudo oferece uma percepção pontual da realidade, não permitindo estabelecer uma relação causal, tendo em vista ser um estudo transversal.

Conclui-se que existe uma alta prevalência de prática de *bullying* na população estudada, e os fatores associados são as violências sofridas na escola, a violência entre pares e a violência praticada pela mãe e pelos irmãos. Os dados ressaltam a importância de compreender as relações e interações dos agressores de *bullying* com as pessoas em seus diversos espaços, a fim de planejar ações específicas.

Dessa forma, nota-se que as estratégias de prevenção e combate ao *bullying* devem envolver alunos, pais e/ou responsáveis, profissionais de educação e da saúde. Tendo em vista que essa prática pode ser consequência da violência sofrida na escola, por pares e por familiares no domicílio, as medidas junto aos alunos agressores não podem ser apenas punitivas, e sim de apoio e escuta especializada para que possam lidar com seus sentimentos diante da violência sofrida e refletir acerca dos motivos que os levaram a cometer tais atos. É importante a conscientização dos adolescentes agressores quanto às consequências

desses comportamentos nas suas vidas e nas dos que sofrem *bullying*, como o desenvolvimento de doenças psicossomáticas e problemas sociais, emocionais e acadêmicos^{3,16}.

No contexto escolar, os profissionais da educação precisam estar preparados para enfrentar essas situações, a ponto de distinguir a violência e as brincadeiras próprias da idade, bem como promover discussões e atividades sobre o tema e intervir ao presenciar determinados comportamentos, favorecendo uma cultura de paz. Os profissionais de saúde têm papel importante no que se refere às ações de combate à violência escolar, não só por meio de intervenções com o programa de saúde na escola, mas identificando nas unidades de saúde adolescentes vítimas de violência e notificando as entidades responsáveis. Pais e/ou responsáveis precisam compreender que os comportamentos agressivos não são adequados e por isso devem ser evitados dentro da família. A cultura da paz precisa estar presente em todos os ambientes os quais estes adolescentes estão inseridos, inclusive no seu domicílio. Portanto, aproximar os pais da escola é imprescindível para o enfrentamento do *bullying* escolar.

Apesar de existirem vários estudos brasileiros sobre o *bullying*, a maioria é relativa à vitimização e poucos usaram um olhar mais integrador quanto ao conjunto dessas variáveis, além de não apresentarem um modelo conceitual explicativo para tal fenômeno. Dessa forma, ratifica-se a importância deste trabalho no sentido de contribuir para a elaboração de ações e programas que visem a promoção à prevenção e à intervenção a esse tipo de comportamento.

Colaboradores

GRR Silva foi responsável pela tabulação, análise dos dados e pela escrita do manuscrito. MLC Lima foi responsável pela concepção do projeto, supervisão da coleta de dados e revisão do manuscrito. AK Barreira foi responsável pela construção do projeto, supervisão da coleta de dados e revisão crítica do manuscrito. RML Acioli foi responsável pela construção do projeto e coleta dos dados.

Financiamento

Este trabalho foi financiado pelo Programa PAPER VI/FIOCRUZ/CNPq.

Referências

1. Olweus D. *Bullying at school: what we know and what we can do*. Cambridge: Blackwell; 1993.
2. Gladden RM, Vivolo-Kantor AM, Hamburger ME, Lumpkin CD. *Bullying surveillance among youths: uniform definitions for public health and recommended data elements – Version 1.0*. Atlanta: National Center for Injury Prevention and Control, Centers for Disease Control and Prevention and U.S. Department of Education; 2014.
3. Zequinão MA, Medeiros P, Pereira B, Cardoso FL. *Bullying escolar: um fenômeno multifacetado*. *Educ Pesqui* 2016; 42(1):181-98.
4. Berger KS. Update on bullying at school: science forgotten? *Developmental Review* 2007; 27(1):90-126.
5. Bandeira CM, Hutz CS. Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. *Psicol Esc Educ* 2012; 19(1):35-44.
6. Mello FCM, Silva JL, Oliveira WA, Prado RR, Malta DC, Silva MAI. A prática de *bullying* entre escolares brasileiros e fatores associados, Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015. *Cien Saude Colet* 2017; 22(9):2939-2948.
7. Malta DC, Silva MAI, Mello FCM, Monteiro RA, Sardinha LMV, Crespo C, Carvalho MGO, Silva MMA, Porto DL. Bullying in Brazilian schools: results from the National School-based Health Survey (PeNSE), 2009. *Cien Saude Colet* 2010; 15(Suppl. 2):3065-3076.
8. Sigurdson JF, Undheim AM, Wallander JL, Lydersen S, Sund AM. The longitudinal association of being bullied and gender with suicide ideations, self-harm, and suicide attempts from adolescence to young adulthood: a cohort study. *Suicide Life Threat Behav* 2018; 48(2):169-182.
9. Santos MM, Perkoski IR, Kienen N. Bullying: atitudes, consequências e medidas preventivas na percepção de professores e alunos do ensino fundamental. *Temas Psicol* 2015; 23(4):1017-1033.
10. Liang H, Flisher AJ, Lombard CJ. Bullying, Violence, and risk behavior in South African school students. *Child Abuse Negl* 2007; 31(2):161-171.
11. Oliveira WA, Silva MAI, Silva JL, Mello FCM, Prado RR, Malta DC. Associations between the practice of bullying and individual and contextual variables from the aggressors' perspective. *J Pediatr* 2016; 92(1):32-39.
12. Marcolino EC, Cavalcanti AL, Padilha WWN, Miranda FAN, Clementino FS. Bullying: prevalência e fatores associados à vitimização e à agressão no cotidiano escolar. *Texto Contexto Enferm* 2018; 27(1): e5500016.
13. Alcantara SC, González-Carrasco M, Montserrat C, Casas F, Viñas-Poch F, Abreu DP. Violência entre pares, clima escolar e contextos de desenvolvimento: suas implicações no bem-estar. *Cien Saude Colet* 2019; 24(2):509-522.
14. Weimer WR, Moreira EC. Violência e bullying: manifestações e consequências nas aulas de educação física escolar. *Rev Bras Cienc Esporte* 2014; 36(1):257-274.
15. Monteiro RP, Medeiros ED, Pimentel CE, Soares AKS, Medeiros HA, Gouveia, VV. Valores humanos e bullying: idade e sexo moderam essa relação? *Temas em Psicologia* 2017; 25(3):1317-1328.

16. Malta DC, Mello FCM, Prado RRD, Sá ACMGN, Marinho F, Pinto IV, Silva MMAD, Silva MAI. Prevalência de bullying e fatores associados em escolares brasileiros, 2015. *Cien Saude Colet* 2019; 24(4):1359-1368.
17. Sivaraman B, Nye E, Bowes L. School-based anti-bullying interventions for adolescents in low- and middle-income countries: a systematic review. *Aggression and Violent Behavior* 2019; 45:154-162.
18. Zych I, Farrington DP, Ttofi MM. Protective factors against bullying and cyberbullying: a systematic review of meta-analyses. *Aggression and Violent Behavior* 2019; 45:4-19.
19. Bronfenbrenner U. The bioecological theory of human development. In: Bronfenbrenner U, editor. *Making humans beigns human: bioecological perspectives on human development*. Thousand Oaks: Sage Publications; 2005. p. 3-15.
20. Martins E, Szymanski H. A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias. *Estud Pesqui Psicol* 2004; 4(1):12-25.
21. Felix ED, Sharkey JD, Green JG, Furlong MJ, Tanigawa D. Getting precise and pragmatic about the assessment of bullying: the development of the California Bullying Victimization Scale. *Aggress Behav* 2011; 37(3):234-247.
22. Soares AKS, Gouveia VV, Gouveia RSV, Fonsêca PN, Pimentel CE. Escala Califórnia de Vitimização do Bullying (ECVB): evidências de validade e consistência interna. *Temas Psicol* 2015; 23(2):481-491.
23. Tourangeau R, Shinn H. *National longitudinal study of adolescent health: grand sample weight*. Chapel Hill: University of North Carolina, National Opinion Research Center and Carolina Population Center; 1999.
24. You S, Furlong MJ, Felix E, Sharkey JD, Tanigawa D. Relations among school connectedness, hope, life satisfaction, and bully victimization. *Psychology in the Schools* 2008; 45(5):446-460.
25. Moraes CL, Hasselmann MH, Reichenheim ME. Adaptação transcultural para o português do instrumento "Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)" utilizado para identificar violência entre casais. *Cad Saude Publica* 2002; 18(1):163-175.
26. Kahn T, Bermegui C, Yamada E, Cardoso FC, Fernandes F, Zacchi JM, Guimarães L, Hasselman ME. *Projeto de pesquisa: o dia a dia nas escolas (violências auto-assumidas)*. São Paulo: Instituto Latino Americano das Nações Unidas para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinquente (ILANUD)/Instituto Souza Paz; 1999.
27. Wolfe DA, Scott K, Reitzel-Jaffe D. Development and validation of the Conflict in adolescent dating relationship inventory. *Psychol Assess* 2001; 13(2):277-293.
28. Minayo MCS, Assis SG, Njaine K, organizadores. *Amor e violência: um paradoxo das relações de namoro e do 'ficar' entre jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2011.
29. Malta DC, Prado RR, Dias AJR, Mello FCM, Silva MAI, Costa MR, Caiaffa WT. Bullying e fatores associados em adolescentes brasileiros: análise da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (Pense 2012). *Rev Bras de Epidemiol* 2014; 17(Supl. 1):131-145.
30. Brito CC, Oliveira MT. Bullying and self-esteem in adolescents from public schools. *J Pediatr (Rio J)*. 2013; 89(6):601-607
31. Bandeira CM, Hutz CS. Bullying: prevalence, implications and gender differences. *Psicol Esc Educ* 2012; 16:35-44.
32. Alex-Hart BA, Okagua J, Opara PI. Prevalence of bullying in secondary schools in Port Harcourt. *Int J Adolesc Med Health* 2015; 27(4):391-396.
33. Craig W, Harel-Fisch Y, Fogel-Grinvald H, Dostaler S, Hetland J, Simons-Morton B, Molcho M, de Mato MG, Overpeck M, Due P, Pickett W, HBSC Violence & Injuries Prevention Focus Group, HBSC Bullying Writing Group. A cross-national profile of bullying and victimization among adolescents in 40 countries. *Int J Public Health* 2009; 54(Suppl. 2):216-224.
34. Abramovay M. *Escola e violência*. Brasília: Unesco, 2002.
35. Andrade MP. *Bullying: concepções dos atores envolvidos* [monografia]. Bauru: Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências; 2007.
36. Zottis GA, Salum GA, Isolan LR, Manfro GG, Heldt E. Associations between child disciplinary practices and bullying behavior in adolescents. *J Pediatr (Rio J)* 2014; 90(4):408-414.
37. Malta DC, Souza ER, Silva MMA, Silva CS, Andreazzi MAR, Crespo C, Mascarenhas MDM, Porto DL, Figueroa ALG, Morais Neto OL, Penna GO. Vivência de violência entre escolares brasileiros: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE). *Cien Saude Colet* 2010; 15(Supl. 2):3053-3063.
38. Horta RL, Horta BL, Pinheiro RT, Krindges M. Comportamentos violentos de adolescentes e coabitação parento-filial. *Rev Saude Publ* 2011; 44(6):979-985.
39. Faria CS, Martins CBG. Violência entre adolescentes escolares: condições de vulnerabilidades. *Rev Eletrônica Trimestral de Enfermaria* 2016; 42:171-184.
40. Ayas T. The effect of parental attitudes on bullying and victimizing levels of secondary school students. *Procedia-Social and Behavioral Sciences* 2012; 55:226-231.
41. Adams TM. *How chronic violence affects human development, social relations, and the practice of citizenship: a systemic framework for action*. Washington, DC: Woodrow Wilson International Center for Scholars; 2017.

Artigo apresentado em 13/12/2018

Aprovado em 03/10/2019

Versão final apresentada em 05/10/2019

Editores-chefes: Romeu Gomes, Antônio Augusto Moura da Silva

